34ª Bienal de São Paulo

A Bienal de São Paulo já nasceu, em 1951, profundamente conectada à cidade que a abriga. Ao longo de sua história, enquanto a mostra estabelecia seu lugar na cena cultural nacional e internacional, a Fundação Bienal, por sua vez, consolidou-se por seu forte compromisso com o fomento à produção artística, sua constante busca de diálogo com os inúmeros agentes que compõem o sistema das artes e sua missão histórica de divulgar arte global e brasileira a um público brasileiro e global.

Situada na maior metrópole da América Latina, a Fundação Bienal confere em sua atuação especial atenção, como não poderia deixar de ser, às instituições que, com ela, contribuem para compor o pulsante cenário cultural da cidade. Mas, mais do que isso, compreende o quanto é indispensável ao seu trabalho o apoio de uma rede ampla de parceiros, que inclui desde patrocinadores, apoiadores e órgãos públicos a colaboradores, a administração do Parque Ibirapuera e seus frequentadores – além, é claro, daquele que é sua razão de existir: o público.

Neste contexto, a 34ª Bienal acontece como fruto de um feliz encontro. Por um lado, há uma instituição que aposta na importância do diálogo e na potência de sua rica teia de parceiros. Por outro, encontra-se um projeto curatorial que se apropria da vocação e dos pontos fortes da instituição ao propor o formato inédito desta edição, que se expande em dois eixos. No tempo, a 34ª Bienal se alonga por meio da realização, no Pavilhão da Bienal, de eventos e mostras que antecipam a exposição de setembro. No espaço, se alarga ao colaborar com 26 instituições da cidade, formando, para além das relações institucionais, uma rede de relações artísticas e curatoriais.

Nesses tempos e espaços expandidos, espera-se multiplicar as possibilidades de contato e relacionamento com a arte, pois é em sua capacidade de transformação e abertura para o outro que residem a força e a motivação desta Fundação. Pois jamais foi tão importante quanto neste momento de polarização extrema ressaltar a importância do diálogo e das relações entre diferentes.

The Bienal de São Paulo was born in 1951 in close connection with the city where it is held. Throughout its history, while the exhibition was establishing its place in the national and international cultural scene, the Fundação Bienal, for its part, became consolidated by its strong commitment to the encouragement of artistic production, its constant search for dialogue with the countless agents that compose the art system, and its historical mission to present global and Brazilian art to a Brazilian and global audience.

Located in Latin America's largest metropolis, in its activities the Fundação Bienal naturally pays close attention to the institutions which, with it, are part of the city's fervid cultural scene. It moreover understands how the work it carries out depends on the indispensable support of a broad network of partners, spanning from sponsors, supporters and public agencies to its staff as well as the administration and users of Ibirapuera Park, besides, of course, those who are its *raison d'être*: the public.

In this context, the 34th Bienal is taking place as the outcome of a fortunate encounter. On the one hand, there is an institution that believes in the importance of dialogue and the power of its rich web of partners. On the other, there is a curatorial project that leverages the institution's objectives and strong points to propose this edition's brand-new format, which expands on two axes. In time, the 34th Bienal is extended by various events and shows being held in the Bienal Pavilion during the lead-up to the main exhibition in September. In space, it is enlarged to collaborate with 26 institutions within the city, forming, beyond its institutional relationships, a network of artistic and curatorial relations.

In these expanded times and spaces, it aims to multiply the possibilities of contact and relationship with art, because the Fundação's power and motivation reside in its capacity for transformation and opening to the other. Because at this moment of extreme polarization it is more important than ever to emphasize the necessity of dialogue and relationships between different individuals and groups.

José Olympio da Veiga Pereira — presidente da *president of the* Fundação Bienal de São Paulo

Faz escuro mas eu canto

A 34ª Bienal não foi concebida a partir de um tema, mas de uma metodologia. Uma das características principais dessa metodologia consiste na decisão de deixar os temas da mostra emergirem das obras que nos parecem particularmente significativas no momento em que vivemos e não, como frequentemente acontece, de escolher essas obras a partir de um tema. Outra característica é considerar as questões institucionais e artísticas como interrelacionadas e complementares, o que torna difícil descrever sucintamente o projeto, já que para a compreensão ampla de cada um de seus pontos é necessário conhecer como ele se relaciona a cada um dos outros. Ao longo de 2020, por meio de uma série de exposições e eventos que antecipam a mostra de setembro, essa metodologia e as questões que a Bienal discute irão pouco a pouco ficar mais claras. Assim, tanto do ponto de vista conceitual e curatorial quanto da perspectiva física — que diz respeito à sua arquitetura e às obras que a integram —, a 34ª Bienal vai se construindo no tempo, como num grande ensaio aberto.

A ideia de *ensaio* permite pensar a exposição como um processo, um espaço onde as coisas se apresentam sem a ambição de ser definitivas e cristalizadas, o que enfatiza a importância das relações que se criam e recriam para cada observador. Citando Francis Alÿs, a noção de ensaio numa perspectiva histórica é, também, simbólica do contexto latino-americano (a partir de onde esta Bienal é pensada de modo consciente e programático). Aqui, de tempos em tempos, grandes mudanças sociais e políticas parecem estar a ponto de se concretizar, mas, como num ensaio, a afinação se perde e é preciso recomeçar do zero.

Na curadoria de uma exposição também se busca algo parecido com uma afinação, e é por isso que propomos para a 34ª Bienal um tempo expandido, uma poética da ressignificação; numa tentativa não isenta de erros e acidentes, mas com a convicção de que o processo sensível de justapor e pensar obras de artistas, tempos e espaços distintos é insubstituível para entender o mundo em que vivemos. Por isso, também, a arquitetura que abriga a primeira exposição é em si mesma um exercício, o gesto inaugural de uma construção que se estratificará e ganhará complexidade ao longo do ano. As obras de Ximena Garrido-Lecca e Neo Muyanga que se apresentam agora vão ser carregadas de outras leituras ao estabelecer relação com as obras de outros artistas. De maneira análoga, o espaço que a arquitetura já delimita, mas que o primeiro movimento da exposição não ocupa, não é um espaço vazio: é um espaço em potência.

Os curadores

Though it's dark, still I sing

The 34th Bienal was conceived based not on a theme, but rather on a methodology. A key precept of this methodology consists in the decision to allow the themes of the exhibition to emerge from the artworks that seem particularly significant to us in the moment we are living, rather than, as frequently occurs, choosing these works based on a theme. Another characteristic is to consider the institutional and artistic questions as interrelated and complementary. This makes it difficult to describe the project succinctly, since in order to gain a broad understanding of one of its points, it is necessary to know how each point is related with the others. Throughout the year 2020, through a series of exhibitions and events leading up to the show in September, this methodology and the questions that the Bienal discusses will gradually become clearer. Thus, from a conceptual and curatorial point of view as well as from a physical perspective – in terms of its architecture and how this architecture will be occupied by the artworks featured in it – the 34th Bienal will be constructed stepwise in time, like a large open rehearsal.

The idea of *rehearsal* allows us to think about the exhibition as a process, a space in which the things are presented without being definitive and crystallized, thus emphasizing the importance of the relationships that are created and recreated for each observer. Citing Francis Alÿs, the idea of the rehearsal in a historical perspective is, moreover, symbolic of the Latin American context (from where this Bienal is being consciously conceived), a part of the world where it seems that profound social and political changes are periodically in the offing and yet, as in a rehearsal, the tuning is lost, which makes it necessary to start all over again.

The curatorship of an exhibition also seeks something like a tuning, and this is why we are holding the event over an expanded period of time and proposing a poetics of re-signification, in an effort which is not free of mistakes and accidents, but driven by the conviction that the sensitive process of juxtaposing and considering works of distinct artists, times and places is indispensable for understanding the world in which we live. For this reason, the architecture that holds the first exhibition is constituted as an exercise, the inaugural gesture of a construction that will gain complexity over the course of the year. The works by Garrido-Lecca and Muyanga presented now will later be charged with other readings by establishing relationships with the works of other artists. Likewise, the space that the architecture already delimits, but which the first movement of the exhibition does not occupy, is not an empty space: it is a space in potential.

The curators

O Sol e a chuva

Soube outro dia que a filha de uma amiga de infância entrou na faculdade de artes. Soube e fiquei contente, como se fosse uma boa notícia. Ela me perguntou se o fato de eu ter feito há muitos anos essa mesma escolha me ajudava. Não profissionalmente, ela esclareceu: "Quero saber se ter estudado arte te ajuda a te ajudar". Não temos mais tempo – foi como se eu ouvisse – para decisões que não nos ajudem a nos ajudar. Antes de dar cada próximo passo é necessário saber que, com esse deslocamento de peso, empurramos o mundo na direção que o queremos levar.

Não estamos todos de acordo. E são tantas as urgências, tantas as mortes e os desmoronamentos, que parece impossível decidir onde pousar cada pé suspenso no ar. Estamos, muitos, parados em meio ao movimento. Paralisados pela gravidade do momento, calados pelas limitações da nossa língua e do nosso lugar de fala. Tinha estagnado nesse ponto do texto, em 31 de dezembro de 2019, e sonhei que era inadiável virar meus pés ao contrário, a parte de baixo para cima e vice-versa.

Talvez possamos concordar nisto: é preciso mudar nossa relação com a terra. Quem sabe em sonhos e mitos, colocando partes mais suaves do corpo em contato com o solo, ou aprendendo de novo que os deuses sempre foram o Sol e a chuva. Mas também enquanto acordados, deixando crescer as formas de plantio e de colheita que não visam ao acúmulo por alguns, mas ao alimento para todos; implantando outra lógica que não a do extrativismo capitalista, da privatização dos recursos, da exploração do trabalho.

Começamos a 34ª Bienal de São Paulo com esta série de obras de Ximena Garrido-Lecca. Obras que podem nos ajudar a enxergar as relações existentes entre a invenção da eletricidade, a extração do cobre, a demarcação da terra, a depredação do solo e a disseminação de povos. Ou a entender a relação entre agricultura e outras formas de cultura, como a dança inventada para chamar chuva, a cestaria que ganha mais força quando aumenta o peso da colheita, as construções que se tornam mais sólidas quando é necessário habitar o mesmo terreno por mais tempo. Obras que podem nos levar a imaginar a germinação, e a conceber a semente como um espaço mínimo no qual cabe tudo, até mesmo mais segredos e mais sabedorias que aquelas que fazem crescer uma folha após a outra.

Depois de patinar um pouco, respondi que sim, que a arte nos ajuda, que pode nos dar ferramentas para lidar com momentos difíceis em que outras linguagens nos faltam ou falham. Pode abrir trilhas de pensamento afastadas das associações já estabelecidas e sempre reiteradas, associações automáticas que levam de um lado a outro pelo trajeto mais plano e mais rápido, como autopistas.

Pensemos nas plantações, não aquelas que encontramos na estrada, que vemos passar como monocromos no campo ou já transformadas em carga de caminhão. Pensemos na agricultura do tamanho da mão e dos dias, quando em vez de cozinhar o feijão, se planta; quando uma parte das sementes deixa de estar no fim da linha que leva ao prato e passa a integrar um ciclo que volta à terra. Agora, parece, precisamos aprender desse movimento circular, precisamos curvar a linha evolutiva imaginária que permite chamar primitivas a algumas formas de vida e maneiras de viver; que nos faz acreditar que avançamos, que o passado ficou para trás, que a história é sempre progresso e desenvolvimento.

Carla Zaccagnini

The Sun and the rain

I learned the other day that the daughter of one of my childhood friends had entered the college of arts. I heard about this and was pleased, as though it were good news. She asked me if my having made this same choice many years ago had helped me. Not professionally, she clarified: "I want to know if having studied art helps you to help yourself". We have no time – it was as if I had heard – for decisions that do not help us to help ourselves. Before taking each step it is necessary to know that by shifting our weight in that direction we are pushing the world toward where we want to take it.

We are not all in agreement. And there are so many urgencies, so many deaths and crumblings that it seems impossible to decide where to set down each foot suspended in midair. We are – many of us – stuck in the midst of a movement. Paralyzed by the gravity of the moment, silenced by the limitations of our language and of our place of speech. I was trapped at this point in the text, on December 31, 2019, and dreamed that it was necessary to immediately turn my feet upside down, so that what is below would be above, and vice versa.

Perhaps we can agree on this: it is necessary to change our relationship with the earth. Perhaps in dreams and myths, placing the softer parts of our body in contact with the ground, or learning once again that the gods were always the Sun and the rain. But also, while we are awake, encouraging ways of planting and harvesting not aimed at accumulation for some, but at food for all; planting another logic besides that of capitalist extractivism, the privatization of resources, and the exploitation of labor.

We begin the 34th Bienal de São Paulo with this series of works by Ximena Garrido-Lecca. Artworks that can help us to see the relationships that exist between the invention of electricity, the mining of copper, the demarcation of the land, the depredation of the soil and the scattering of peoples. Or to understand the relationship between agriculture and other forms of culture, such as dance, invented to invoke rain, the basketwork that becomes stronger when the weight of the harvest increases, the constructions that become more solid when it is necessary to inhabit the same place for a long time. Artworks that can spur us to imagine germination, and to consider the seed as a minimum space where everything fits, including more secrets and more wisdom than those that cause the growth of one leaf after another.

After some hesitation, I responded that yes, art helps us, it can give us tools to deal with difficult moments at which other languages are fruitless or absent. It can open pathways of thinking far removed from the established, always repeated, automatic associations that lead us along the flattest and quickest route, like highways.

Let us think about plantations, not those we find while traveling along the highway, standing like monochromes in the fields or piled as harvested produce on truck beds. Let us think of that agriculture which has the scale of our hand and our days, where instead of being cooked, the beans are planted; where a portion of the seeds no longer follow the line leading from cropland to mouth, but are rather part of a cycle that returns to the earth. Now, it seems, we need to learn from this circular movement, we need to bend the imaginary evolutionary line that allows us to label some forms of life and ways of living as primitive; which makes us believe that we are advancing, that the past is behind us, that history is always progress and development.

Carla Zaccagnini

Ximena Garrido-Lecca

Ximena Garrido-Lecca (Lima, Peru, 1980. Vive entre Lima e a Cidade do México). Garrido-Lecca examina a história do Peru e explora o impacto dos processos coloniais e suas consequências contemporâneas. Ela participou de inúmeras exposições, entre as quais: *Cosmopolis #1.5: Enlarged Intelligence*, Centre Pompidou em Chengdu, China (2018); 10ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre, Brasil (2015); 1ª Bienal de Cartagena de las Indias, Colômbia (2014); 12ª Bienal de Cuenca, Equador (2014) e ICASTICA, Bienal Internacional de Arte, Arezzo, Itália (2013).

Ximena Garrido-Lecca (Lima, Peru, 1980. Lives between Lima and Mexico City). Garrido-Leca examines the history of Peru and explores the impact of colonial processes and their contemporary consequences. She has participated in countless exhibitions, including: *Cosmopolis #1.5: Enlarged Intelligence*, Centre Pompidou in Chengdu, China (2018); the 10th Bienal do Mercosul, Porto Alegre, Brazil (2015); the 1st Bienal de Cartagena de las Indias, Colombia (2014); the 12th Bienal de Cuenca, Ecuador (2014); and ICASTICA, Bienal Internacional de Arte, Arezzo, Italy (2013).

Ximena Garrido-Lecca
exposição individual *solo exhibition*
8 fevereiro – 15 março *8 february – 15 march*
quarta a domingo, 10h–18h
wednesday to sunday, 10am–6pm

Neo Muyanga
com *featuring* Legítima Defesa + Bianca Turner
performance
8 fevereiro, 11h–12h *8 february, 11am–12 noon*
Clara Ianni
exposição individual *solo exhibition*
25 abril – 7 junho *25 april – 7 june*
León Ferrari
performance
25 de abril *25 april*
Deana Lawson
exposição individual *solo exhibition*
25 julho – 23 agosto *25 july – 23 august*
Helio Oiticica
performance
25 julho *25 july*

Faz escuro mas eu canto *Though it's dark, still I sing*
exposição coletiva *group exhibition*
5 setembro – 6 dezembro, 2020
5 september – 6 december, 2020

Entrada gratuita *Free entrance*
Pavilhão Ciccillo Matarazzo
Parque Ibirapuera, portão *gate* 3
www.bienal.org.br

Siga-nos *Follow us*
@bienalsaopaulo

#34Bienal #FazEscuroMasEuCanto

Mediação *Mediation*
Mediação disponível para público espontâneo
Mediators available for visitors
Acessibilidade *Accessibility*
Para assistência a cadeirantes, procure a equipe da 34ª Bienal *For assistance to wheelchair users, look for the 34th Bienal team*

Classificação indicativa *Parental guidance*
Esta exposição tem classificação livre para todos os públicos *This exhibition has content suitable for all ages*

Wi-fi gratuito após cadastro online
Free wi-fi after online registration

PATROCÍNIO MASTER *MASTER SPONSORSHIP*
PATROCÍNIO *SPONSORSHIP*
APOIO *SUPPPORT*
PARCERIA CULTURAL *CULTURAL PARTNERSHIP*
PARCERIA INSTITUCIONAL *INSTITUTIONAL PARTNERSHIP*
INCENTIVO *INCENTIVE*
Secretaria de Cultura e Economia Criativa

Créditos
Credits

Ximena Garrido-Lecca

Insurgencias botánicas: Phaseolus Lunatus, 2017/2020
Insurgências botânicas: Phaseolus Lunatus
Botanical Insurgencies: Phaseolus Lunatus

Yacimientos, 2013
Depósitos
Deposits

Líneas de divergencia, 2018
Linhas de divergência
Lines of Divergence

Resistant Shapes: Cylindrical Planes, 2012/2020
Formas resistentes: Planos cilíndricos

Divergent Lots, 2012
Lotes divergentes

Paredes de progreso: Proyecto País, 2011/2020
Paredes de progresso: Projeto País
Walls of Progress: Project Country

Aleaciones con memoria de forma: Realineaciones IV, 2020
Ligas com memória de forma: Realinhamentos IV
Shape Memory Alloys: Realignments IV

Transmutaciones – Composition III, 2020
Transmutações – Composição III
Transmutations – Composition III

Fields of Polarity III, 2020
Campos de polaridade III

A exposição é coproduzida com
The exhibition is co-produced with
CCA Wattis, São Francisco (EUA)
San Francisco (USA)

O verso que dá título à 34ª Bienal é de autoria de
The verse that gives title to the 34th Bienal is authored by
Thiago de Mello

Imagem *Image*:
Ximena Garrido-Lecca, *Yacimientos*, 2013
still de vídeo *video still*

FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO

Diretoria *Board of Directors*
José Olympio da Veiga Pereira
presidente *president*
Marcelo Mattos Araujo
primeiro vice-presidente *first vice-president*
Lucas Melo
segundo vice-presidente *second vice-president*
Ana Paula Martinez
Andrea Pinheiro
Fernando Schuler
Francisco J. Pinheiro Guimarães
Luiz Lara

Superintendências *Superintendencies*
Luciana Guimarães
superintendente executiva *chief executive officer*
Dora Silveira Corrêa
superintendente de projetos *chief projects officer*
Emilio Martos
superintendente administrativo-financeiro
chief financial and administrative officer
Mariana Montoro Jens
superintendente de relações institucionais e comunicação *chief institutional relations and communications officer*

34ª BIENAL DE SÃO PAULO
Faz escuro mas eu canto
Though it's dark, still I sing

Curadoria *Curatorship*
Jacopo Crivelli Visconti
curador geral *chief curator*
Paulo Miyada
curador adjunto *adjunct curator*
Carla Zaccagnini
curadora convidada *guest curator*
Francesco Stocchi
curador convidado *guest curator*
Ruth Estévez
curadora convidada *guest curator*
Ana Roman
assistente de curadoria *curatorial assistant*

Elvira Dyangani Ose
editora convidada *guest editor*
em colaboração com
in collaboration with **The Showroom, London**

Ximena Garrido–Lecca
08 fev — 15 mar

Faz escuro *mas eu canto*

34ª Bienal de São Paulo

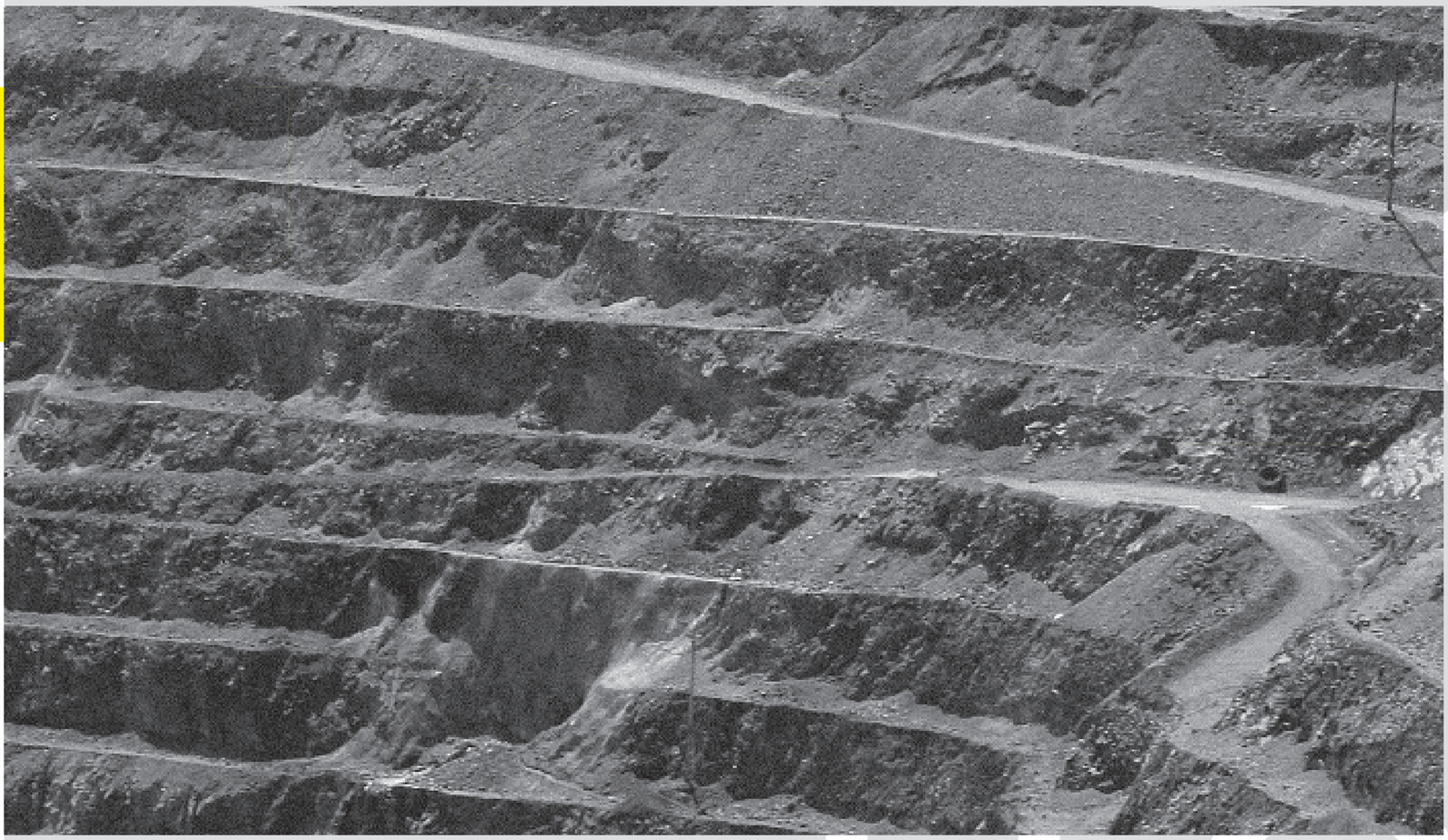
Ministério da Cidadania, Fundação Bienal de São Paulo e Itaú apresentam

Ministry of Citizenship, Fundação Bienal de São Paulo and Itaú present

Faz escuro *mas eu canto*

Ximena Garrido-Lecca

08 fev — 15 mar



34ª Bienal de São Paulo

34ª Bienal 34ª Bienal 34ª Bienal 34ª Bienal 34ª Bienal